



# AS SETE TROMBETAS DO APOCALIPSE

••  
[pastor.adventistas.org/pt](http://pastor.adventistas.org/pt)



# Problemas na Interpretação das sete trombetas do Apocalipse

Ángel Manuel Rodríguez, ThD, é o diretor recém aposentado do Instituto de Pesquisa Bíblica, Silver Spring, Maryland, Estados Unidos.

Quando examinamos esta profecia a partir de nosso momento histórico, nós reconhecemos que alguns elementos já foram cumpridos enquanto outros ainda estão no processo de cumprimento

Um ciclo visionário de Apocalipse que se provou ser um dos mais difíceis de interpretar é Apocalipse 8-11, as sete trombetas. A linguagem e as imagens são complexas e sua aplicação a um determinado evento histórico tem resultado numa variedade de pontos de vista. Esta incerteza de interpretação pode ser confusa para os membros da igreja e para os interessados em descobrir nessa profecia apocalíptica uma interpretação clara e final. No momento presente tal interpretação final não está disponível. Talvez, a pergunta que nós deveríamos endereçar é "O que pode ser feito para evitar transformar essa variedade de opiniões em uma luta teológica interna?" Permitam-me sugerir duas coisas: Primeiro, deveríamos pedir ao Senhor para fortalecer nossa disposição de trabalhar juntos em um espírito de amor e humildade cristãos para edificar a igreja. Segundo, deveríamos estar de acordo em como abordar esta profecia apocalíptica – esta é a questão adequada de hermenêutica.

## PRINCÍPIOS BÁSICOS

Eu particularmente não tenho nada novo para oferecer, mas vou sublinhar a necessidade de permanecermos firmemente comprometidos com nossos princípios hermenêuticos inegociáveis de interpretação apocalíptica. Vou listar alguns deles no contexto do estudo das trombetas.

Na interpretação das trombetas, os teólogos adventistas têm quase consistentemente empregado o método historicista de interpretação profética porque ele está fundamentado na própria escritura. Este método foi fornecido aos visionários apocalípticos pelo anjo intérprete. Tem se provado uma abordagem válida para as profecias apocalípticas como foi ilustrado em seu uso por Jesus, os apóstolos, e intérpretes ao longo da história cristã. Enquanto neste artigo eu não vou fornecer toda evidência necessária para apoiar os elementos mais importantes do método historicista de interpretação<sup>1</sup>, eu vou sugerir, como indispensável para uma interpretação adequada das trombetas, o seguinte:

1. A profecia apocalíptica cobre todo o período da história, desde o tempo do profeta até o fim da história (Dan. 7). Para ser fiel a esta metodologia, é necessário aplicá-la ao ciclo visionário apocalíptico das sete trombetas. Quando examinamos esta profecia a partir de nosso momento histórico, devemos reconhecer que alguns elementos da profecia já foram cumpridos enquanto outros estão no processo de cumprimento ou serão em breve cumpridos.



2. Logo, o cumprimento da profecia apocalíptica ocorre dentro do fluxo da história como um todo. Conseqüentemente, ela não pode e nem deveria ser interpretada ao longo das linhas do preterismo ou do futurismo ou aplicadas a abstrações conceituais desconectadas do evento histórico específico (idealismo). Recapitulação é central nas profecias apocalípticas (**Dan. 2; 7; 8; 11**). As trombetas recapitulam a história de uma perspectiva particular e, até certo ponto, se equiparam com outros ciclos proféticos de sete encontrados em Apocalipse<sup>2</sup>. Cada paralelo analisa o período histórico de ângulos diferentes e no entanto suplementares.
  
3. A natureza apocalíptica da visão mira o cumprimento específico suficiente para ser localizado em algum evento histórico ou processo. Em outras palavras, múltiplos cumprimentos das trombetas deveriam ser excluídos da discussão<sup>3</sup>. Isso tem sido considerado por nós e pelo escritor bíblico como uma característica fundamental de profecia apocalíptica (i.e. Daniel diz para o rei de Babilônia, que representa o reino, "Você é a cabeça de ouro" [2:38, NVI]; Semelhantemente, Gabriel identifica "os reis da Média e da Pérsia" e "o rei da Grécia" como representados pelo carneiro e pelo bode, respectivamente (8:20,21, NVI).
  
4. As trombetas não são julgamentos escatológicos finais de Deus sobre pecadores impenitentes, mas juízos ocorrendo dentro do fluxo da história. Portanto, nós deveríamos distinguir claramente entre o propósito das trombetas e o propósito das sete pragas (**Apoc. 16**). As pragas ocorrerão em um momento histórico específico que levará rapidamente à parousia.



5. A menção do período de tempo dentro das trombetas deveria ser cuidadosamente estudada para determinar se estamos tratando de períodos de tempo profético ou alguma outra coisa. Se a referência é períodos de tempo profético, nós deveríamos tentar descobrir o cumprimento histórico aplicando a eles o princípio dia/ano.
6. Deveríamos cuidadosamente estudar os antecedentes bíblicos da linguagem e da imagem usados para descrever cada trombeta antes de tentar identificar seu cumprimento histórico. Este elemento metodológico é baseado no princípio hermenêutico de que as escrituras se interpretam a si mesmas. Esta aplicação exclui o uso de nossa imaginação para determinar o significado e identificar o cumprimento.

O uso desses princípios não vai garantir unanimidade de interpretação, mas vai estabelecer certos parâmetros importantes para a interpretação das trombetas. Embora diferenças de opinião não podem ser completamente controladas, como intérpretes adventistas nós deveríamos manter os princípios discutidos acima. Por exemplo, pode ser que a linguagem e a imagem usadas na descrição de uma trombeta em particular pudesse ser aplicada por diferentes intérpretes a diferentes eventos históricos.

Isso é tolerável enquanto um cumprimento histórico específico estiver em vista e o texto bíblico tiver sido cuidadosamente analisado para justificar essa possibilidade específica. Isto sugere que, com respeito a uma interpretação total e final das trombetas, nossa jornada ainda não alcançou seu destino desejado.

## DIVERSIDADE DE PONTOS DE VISTA

O gráfico seguinte ilustra como a aplicação dos princípios anteriores de interpretação para as trombetas por Adventistas dedicados podem resultar em uma diversidade de pontos de vista com respeito ao cumprimento histórico preciso da profecia. Este gráfico não é compreensivo, mas ilustrativo<sup>4</sup>.





Trombeta	U. Smith	E. Thiele	R. Naden	C. M. Maxwell	W. Shea	J. Paulien/ H. LaRondelle/ R. Stefanovic	A. Treiyer
<b>Primeiro</b>	Ataque dos visigodos contra Roma sob Alarico.	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Juízo de Deus sobre Jerusalém	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Roma pagã persegue os cristãos.	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Ataque dos visigodos contra Roma sob Alarico.
<b>Segundo</b>	Ataque dos vândalos contra Roma.	Juízo de Deus sobre Roma pagã.	Juízo de Deus sobre Roma pagã.	Juízo de Deus sobre Roma pagã.	Queda de Roma Pagã.	Queda do Império Romano.	Ataque dos vândalos contra Roma.
<b>Terceiro</b>	Ataque dos hunos contra Roma.	Juízo de Deus contra a professa Igreja Cristã	Juízo de Deus contra a professa Igreja Cristã	Juízo de Deus contra a professa Igreja Cristã.	Apostasia da Igreja Cristã.	Apostasia da Igreja Cristã.	Ataque dos hunos contra Roma.
<b>Quarto</b>	Queda de Roma Ocidental.	Trevas da Idade Média.	Trevas da Idade Média.	Trevas da Idade Média.	Trevas da Idade Média.	Surgimento do secular - ateísmo (Ap. 11:7).	Colapso da Roma Ocidental e seu sistema de adoração.
<b>Quinto</b>	Surgimento do Islamismo (período de 5 meses; 1299 + 150 = 1449.)	Surgimento e progresso do Islamismo (período de 5 meses; 1299 + 150 = 1449.)	Ataque de satanás sobre a Reforma pela Contra Reforma (5 meses = 150 anos; 1535–1685.)	Surgimento e progresso do Islamismo (5 meses = 150 anos; primeiro ataque muçulmano sobre Constantinopla em 674 até o final de 823 [apenas 149 anos])	As Cruzadas durante a Idade Média. (5 meses = 150 anos; 1099–1249; da captura de Jerusalém ao início da última cruzada)	Reino do secular- ateísmo (5 meses = os juízos de Deus são compreensivos, mas limitados; cf. <a href="#">Gen. 7:24</a> ; <a href="#">8:3</a> .)	Surgimento do Islamismo contra contra o Cristianismo apóstata. (5 meses = 150 anos; 632–782; primeira onda expansionista islâmica.)
<b>Sexto</b>	Império Otomano. (1 dia, 1 mês, 1 ano = 391 anos; 1449–1840.)	Império Otomano. (391 anos; 1449–1840.)	Tempo da crise final; do século 18 até o final da graça.	Império Otomano (391 anos; 1453, queda do Império Bizantino até 1844.)	Império Otomano (391 anos; 1453–1844, quando o edito de tolerância foi emitido)	Surgimento do fim do tempo da Babilônia. A crise final descrita em 7:1–3 e Ap. 13-16. (1 hora, 1 dia, 1 mês, refere-se a um momento determinado divinal.)	Império Otomano. (391 anos; 1453–1844, quando o edito de tolerância foi emitido.)
<b>Sétimo</b>	Termina o mistério de Deus.	Termina o mistério de Deus.	Consumação	Termina o mistério de Deus.	Termina o mistério de Deus.	Colocar em movimento os eventos finais. (Resumo dos eventos descritos em Ap. 12-22.)	Tempo do fim quando o mistério de Deus é concluído.

O quadro revela um número de pontos importantes:

- **Primeiro**, é claro que a visão tradicional entre os adventistas, representada por Uriah Smith, não é fortemente apoiada por muitos intérpretes. No entanto, o fato de um estudioso (Alberto Treiyer) ter fornecido recentemente uma valiosa exposição e defesa das trombetas ao longo das linhas de Smith indica que essa interpretação não deve ser facilmente descartada.
- **Segundo**, nenhum dos outros intérpretes segue Smith na sua interpretação das primeiras quatro trombetas. Na verdade, se essa amostra de expositores tiver algum valor, pode-se concluir facilmente que um novo consenso parece estar surgindo na interpretação das quatro primeiras trombetas que diferem radicalmente das opiniões de Smith.
- **Terceiro**, há algumas diferenças significativas de interpretação com respeito à quinta e sexta trombetas. Dois intérpretes concordam com Uriah Smith na sua interpretação da quinta trombeta (Thiele and Maxwell) e três na sexta trombeta (Thiele, Maxwell, e Shea). Mas nós encontramos entre eles variações de alguns detalhes. Isto sugere que a interpretação de Smith não foi totalmente posta de lado.







- **Quarto**, o desenvolvimento mais importante na interpretação da quinta e sexta trombetas encontra nelas a ascensão do secularismo e do ateísmo no mundo ocidental e o trabalho da Babilônia no final dos tempos. (Paulien, LaRondelle, and Stefanovic)<sup>5</sup>. Pelo fato desta ser o maior afastamento da abordagem tradicional, é necessário fazer alguns comentários sobre ela. A pergunta é se esta interpretação permanece compatível com a abordagem historicista. Na minha opinião, parece ser compatível – note que eu não estou dizendo que é ou não é a interpretação correta dessas trombetas. A razão principal dessa minha opinião é que ela não é preterista nem futurista, nem uma abordagem idealista para as trombetas. O problema aparente é que esta visão identifica os poderes descritos nas trombetas com movimentos espirituais e filosóficos ao invés de identificar com impérios e nações particulares. Mas aqui precisamos ser cuidadosos. Por exemplo, no Novo Testamento, Israel não é simplesmente um poder geopolítico. Através da vinda do Messias Judaico a fé de Israel foi universalizada e agora o Israel de fé do Velho Testamento incorpora pessoas de todas as línguas, tribo e povo. Há vários outros exemplos do livro de Apocalipse em si, mas o melhor é provavelmente Babilônia. Não é mais uma cidade da Mesopotâmia, mas um símbolo de apostasia global e de rebelião contra Deus. Este movimento interpretacional de uma área geográfica limitada para um fenômeno universal é também apoiado por Ellen White no contexto de profecias apocalípticas. Ela toma a referência apocalíptica para o Egito para representar o espírito da revolução francesa que agora alcançou dimensões globais na forma de ateísmo<sup>6</sup>. Portanto, esta nova interpretação da quinta e da sexta trombetas não prejudica o historicismo. Ela identifica uma maneira global de pensar que se originou em uma nação em particular e considera-a como sendo o cumprimento histórico da quinta e da sexta trombetas.



Essa nova abordagem permanece dentro dos limites do historicismo. Provavelmente o desafio mais significativo que essa visão enfrenta é dar uma interpretação válida aos elementos de tempo mencionados nas duas trombetas. Por outro lado, aqueles que seguem Uriah Smith, ou são muito íntimos de suas visões, não apenas têm que concordar sobre datas específicas para o cumprimento dos períodos proféticos, mas também precisam encontrar uma explicação melhor para a menção do selo de Deus na quinta trombeta ([Rev. 9:4](#)).

- **Quinto**, um outro item que tende a complicar a discussão dos períodos proféticos e tem influenciado alguns dos expositores é que Ellen White parece apoiar a interpretação do pregador milerita Josiah Litch. Aqui está o que ela diz: "No ano de 1840 um outro cumprimento marcante da profecia despertou amplo interesse. Dois anos antes, Josiah Litch, um dos ministros líderes pregando o Segundo Advento, publicou uma exposição de Apocalipse 9 predizendo a queda do Império Otomano. De acordo com seus cálculos, esse poder devia ser removido em 1840 d.C., alguma data no mês de agosto" e alguns dias antes de sua realização ela escreveu: 'Permitindo que o primeiro período, 150 anos, tenha sido cumprido exatamente antes de Deacozes subir ao trono com a permissão dos turcos, e que os 391 anos, quinze dias, começaram no final do primeiro período, ele terminará no dia 11 de agosto, 1840, quando se pode esperar que o poder otomano em Constantinopla seja quebrado. E isto, eu creio, que será o caso" (Josiah Litch, Sinais dos Tempos, e Expositor das Profecias, 1º de agosto, 1840).

No mesmo tempo especificado, a Turquia, através de seus embaixadores, aceitou a proteção dos poderes aliados da Europa e assim se colocou sob o controle das nações cristãs. O evento cumpriu exatamente a predição...

Quando se tornou conhecido, multidões foram convencidas da exatidão dos princípios de interpretação profética adotados por Miller e seus associados, e um ímpeto maravilhoso foi dado ao movimento do advento. Homens cultos e de posição se uniram com Miller, tanto na pregação quanto na publicação de suas visões e de 1840 até 1844 a obra se estendeu rapidamente<sup>7</sup>.

O contexto indica que ela está descrevendo a experiência de William Miller e seus apoiadores no início da década de 1840. Então, naquele tempo, ela era uma Milerita, ela mais provavelmente aceitou a interpretação de Litch das profecias. Seu ponto principal na citação é que o cumprimento dessa predição acrescentou ímpeto à interpretação profética dos 2.300 dias apontados por William Miller.

Tem sido sugerido que o que nos parece ter aqui é uma recontagem da experiência dos Mileritas, incluindo dela, sem necessariamente dar uma interpretação final do período profético. Se este é o caso ou não, continuará sendo um assunto de debate<sup>8</sup>. Mas o fato dela nunca mais mencionar 1840 como um ano quando a profecia bíblica foi cumprida deveria nos tornar cautelosos sobre White ter definido a questão. Eles preferem reexaminar a questão dando uma nova olhada no texto bíblico e examinando fontes históricas. Neste caso em particular, isto parece ser um bom procedimento.



## CONCLUSÃO

Os pontos de vista resumidos neste trabalho são todos compatíveis com o método historicista de interpretação profética. Enquanto esta metodologia particular não for destruída, a igreja deve permitir uma diversidade de interpretações<sup>9</sup>. Reconhecer isso deve excluir imediatamente interpretações dogmáticas e discussões acaloradas que poderiam facilmente sacrificar a humildade e o amor cristãos. Toda interpretação sugerida precisa de discussão em termos de validade das análises do texto bíblico e seu alegado cumprimento histórico.





1. Veja, por exemplo, William Johnsson, "Biblical Apocalyptic," in Handbook of Seventh-day Adventist Theology, ed. Raoul Dederen (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), 784–814.
2. Sobre o tópico de recapitulação e as trombetas, veja Ekkehardt Mueller, "Recapitulação em Apocalipse, Jornal da Sociedade Teológica Adventista 9, no. 1 (1998): 260–277.
3. Veja Jon Paulien, "Selos e Trombetas: algumas Discussões atuais" no Simpósio sobre Apocalipse —Book I, ed. Frank B. Holbrook (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), 183–198.
4. As informações do gráfico foram tiradas das seguintes fontes: Hans LaRondelle, Como entender as Profecias do Tempo do Fim na Bíblia: A abordagem Bíblico/Contextual (Sarasota, FL: Primeiras Interpretações, 1997); C. Mervyn Maxwell, Deus Cuida, vol. 2 (Boise, ID: Pacific Press, 1985); Roy C. Naden, O Cordeiro entre as Bestas (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996); Jon Paulien, "Interpretando as Sete Trombetas," trabalho não publicado preparado pela Comissão de Daniel e Apocalipse da Conferencia Geral, 1986; William Shea, "Trombetas de Apocalipse," trabalho não publicado, 1998; Uriah Smith, As Profecias de Daniel e Apocalipse (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1944); Ranko Stefanovic, A Revelação de Jesus Cristo: Comentário sobre o Livro de Apocalipse (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2002); Edwin R. Thiele, Esboço de Estudos de Apocalipse (Angwin, CA: Class Syllabus, Pacific Union College); Alberto Treiyer, Os Selos e as Trombetas: Estudos Bíblicos e Históricos (auto publicado, 2005). Eu me desculpo diante dos autores se eu mal apresentei não intencionalmente seus pontos de vista.
5. Jacques Doukhan também apoia esse ponto de vista particular (Segredos de Apocalipse: O Apocalipse através dos olhos de Hebraicos [Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002], 84–91). Ele vê nas primeiras quatro trombetas a história da igreja desde os tempos apostólicos até a grande apostasia batendo até certo ponto com os Selos.
6. Ela escreveu: "A "grande cidade" em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é "espiritualmente" o Egito. De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos.



Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente, respondeu: "Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel." Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio. A "grande cidade" é também comparada "espiritualmente" com Sodoma. A corrupção de Sodoma na violação da lei de Deus, manifestou-se especialmente na licenciosidade. E este pecado também deveria ser característico preeminente da nação que cumpriria as especificações deste texto. \_ " (O Grande Conflito, Mountain View, CA: Pacific Press, 1950, 269). Em outro local, após descrever a corrupção moral do mundo ela pergunta: "O que deverá impedir que o mundo se torne uma segunda Sodoma"? (Educação, Oakland, CA: Pacific Press, 1903, 228). Depois ela acrescenta: "Ao mesmo tempo a anarquia procura varrer todas as leis, não somente as divinas mas também as humanas. A centralização da riqueza e poder; vastas coligações para enriquecerem os poucos que nelas tomam parte, a expensas de muitos; as combinações entre as classes pobres para a defesa de seus interesses e reclamos, o espírito de desassossego, tumulto e matança; a disseminação mundial dos mesmos ensinamentos que ocasionaram a Revolução Francesa — tudo propende a envolver o mundo inteiro em uma luta semelhante àquela que convulsionou a França" (Ibid., ênfase acrescentada). Ela parece considerar uma mentalidade como a que prevalece agora no mundo inteiro: "Ateísmo e infidelidade prevalecem em toda terra. Blasfemadores ousados se levantam na terra, a casa do próprio edifício de Deus e negam a existência do Criador e desafiam o Deus do céu a matá-los no local se sua posição estiver errada. Vejam as sociedades de infiéis em todos os lugares se formando para inventar meios de espalhar seus venenos infernais!" (Review and Herald, May 4, 1886). Está claro que para Ellen White os nomes das cidades representam agora movimentos mundiais que foram iniciados na França durante a Revolução Francesa. Esta maneira de ver o cumprimento profético apocalíptico ainda se encaixa dentro do que nós chamamos de método historicista de interpretação profética.

7. Ellen G. White, O Grande Conflito, 334,335.



8. Veja Robert W. Olson, 101 Perguntas sobre o Santuário e Ellen G. White (Washington, DC: Ellen G. White Estate, 1981), pergunta 52.
9. Isto está ilustrado na maneira que o Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia tratou com as sete trombetas. Enquanto afirma a visão tradicional representada por Uriah Smith, ele reconhece outras possibilidades e evita dogmatism (veja F. D. Nichol, ed., Seventh-day Adventist Bible Commentary [Washington, DC: Review and Herald, 1978], 7:778–796).

*Ao MINISTRY se reserva o direito de aprovar, desaprovar e excluir comentários a nosso critério e não poderá responder a perguntas sobre esses comentários. Certifique-se de que suas palavras sejam respeitadas, corteses e relevantes.*

